

V. H. — Não vê aí uma conexão entre essa tendência da física moderna, da arte também, e a fenomenologia? Husserl pretendeu, aliás, esta autenticidade, este penetrar no fundamento dos fenómenos...

W. H. — Sem dúvida, existem traços de união, mas o senhor julga-me filosoficamente mais culto do que sou. Praticamente nunca li Husserl. E mal sei o que é «fenomenologia».

V. H. — Quero dizer que as grandes personalidades do Mundo sempre realizaram o mesmo sem se conhecerem.

W. H. — Talvez seja assim.

V. H. — Seria uma espécie de vanguarda...

W. H. — Sobre esses problemas só tive oportunidade de falar com Heidegger, muito influenciado por Husserl, e que certamente perflharia sem hesitação o que acaba de dizer.

Heisenberg é um «platónico», um homem convencido da realidade e da necessidade do absoluto. Julgo não me enganar muito ao classificar assim um físico que cultiva a filosofia (Platão era um filósofo que cultivava as ciências exactas), principalmente depois de ter lido *A Parte e o Todo*. Livro de memórias feito de diálogos e conversas, tal como os livros de Platão, de toda uma vida. Todos os graves problemas da física contemporânea surgem e se esclarecem ao longo destes diálogos de Heisenberg com Niels Bohr, Wolfgang Pauli, Einstein, Planck e outros, constituindo um conjunto de explicações em cujo centro vive permanentemente o problema da responsabilidade do homem de ciência. Mas onde tudo é «centro», por assim dizer, tanto o princípio da incerteza como o da complementaridade, e onde aparece a personalidade combativa de Heisenberg *engagé* é na luta bastante persuasiva contra a mediocre unilateralidade dos positivistas. Como bom platónico, Heisenberg sabe manejar diferentes armas e colocar-se num ponto central, o de uma consciência capaz de compreender e enquadrar a realidade visível, como também os mistérios não menos reais do que se intui.

Assim, o tema religioso surge várias vezes ao longo das memórias. Numa conversa com Wolfgang Pauli, no porto de Copenhaga, depois de ter falado e discutido com Bohr, nos anos do pós-guerra, Heisenberg interroga-se acerca da existência de um Deus pessoal e afirma perante o seu amigo que lhe é possível atingir a realidade central das coisas, ou seja Deus, como se tratasse de atingir a alma de outro ser humano. Porque — afirma — as duas coisas, Deus e a alma, centro universal e centro individual, significam o mesmo e estão ligadas ao mesmo conceito de «centro» ou de ordem central. Afirmação extraordinariamente importante que podemos considerar como uma das conclusões mais inesperadas para um profano, mas das mais

lógicas a que pode chegar um físico familiarizado com uma interpretação quântica do Universo.

V. H. — Em certa ocasião, numa conferência, falou da fé e da vida espiritual como exclusivas do Ocidente. Qual é a sua posição, no momento actual da sua evolução interior, relativamente à fé? Em que medida lhe interessa, por exemplo, o tema da unidade dos cristãos, o Concílio, etc.?

W. H. — A propósito desses assuntos, o que mais me preocupou sempre é o seguinte: como pode harmonizar-se a exigência de estabilidade da fé com as mudanças da ciência, do saber, que se produzem inevitavelmente ao longo dos séculos? Sobre este tema tive há pouco tempo uma longa conversa com o cardeal Koenig, em Lindau. Na verdade, não conheço nenhuma resposta que me satisfaça. Quanto a mim, enunciaria o problema nos seguintes termos: para manter viva uma comunidade é necessário uma linguagem comum a todos os homens, com a qual se possa falar dos assuntos fundamentais da vida, sobre a morte e a vida, sobre o destino e a doença, sobre a infelicidade, sobre o mal e o bem, etc. Ora, essas linguagens têm-nos sido proporcionadas historicamente pela religião, seja ela qual for, a religião de Lao-Tse, o cristianismo, as religiões hindus; as religiões têm sempre a intenção de criar uma língua comum com a ajuda da qual se possa falar acerca de tais temas. Essa língua deve ser o mais estável possível, ou seja, o homem simples deve sentir que pisa terreno firme, que conta com uma escala de valores por onde pode guiar a sua vida: nela pode fundamentar as suas decisões, com ela pode interpretar o destino. Uma tal exigência dificilmente está de acordo com as transformações do saber. Naturalmente, na época em que se formaram, as referidas linguagens estavam de acordo com o saber de então. Mas como devem subsistir para além dos séculos (o cristianismo já tem dois milénios), essas línguas não podem acompanhar simplesmente as mutações dos tempos. Por outro lado, é inegável que o saber se modifica com o tempo, e a pergunta consiste em saber como conciliar a necessidade dessas linguagens comuns, ou, dito de uma forma mais directa, a necessidade de dogmas, com o progresso e alteração do saber. No passado houve múltiplas teorias sobre este ponto. Na minha conversa com o cardeal Koenig abordámos o tema do processo de Galileu. Perguntei-lhe se se inclinava para a teoria, ocasionalmente defendida noutros tempos, segundo a qual a verdade, por assim dizer, tem um duplo terreno. De acordo com essa concepção, deviam apresentar-se ao povo os velhos dogmas sem nenhuma restrição, crítica ou discussão; enquanto, pelo contrário, entre os sacerdotes mais ilustres se poderia